



Entrevistas pingue-pongue concedidas por Ricardo Ramos: considerações sobre uma pesquisa em processo¹

Diego da SILVA²

Aroldo José Abreu PINTO³

Thiago Cury LUIZ⁴

Universidade do Estado de Mato Grosso, Mato Grosso, MT

RESUMO

Desenvolvem-se neste trabalho pesquisas relacionadas às entrevistas, no formato pingue-pongue, concedidas por Ricardo Ramos de 1955 a 1975. Analisar as acepções presentes no jornalismo impresso com as questões que marcaram a escrita literária e, conseqüentemente, a visão de Ricardo Ramos sobre o recorte político, utilizando-nos de dados disponíveis no Projeto Acervo do Ricardo Ramos, por meio de jornais dos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, é o principal objetivo desse texto. Resumidamente, tencionamos refletir sobre os elementos determinantes e/ou determinadores de uma visão particular do ficcionista/crítico Ricardo Ramos.

PALAVRAS-CHAVE: entrevistas; jornalismo político; Ricardo Ramos

Quem foi Ricardo Ramos?

O advogado, escritor, jornalista e publicitário, Ricardo Ramos, nasceu em Palmeira dos Índios, no dia quatro de janeiro de 1929, quando seu pai, o escritor Graciliano Ramos, era prefeito da cidade.

Fez seus estudos preparatórios em Maceió, transferindo-se depois para o Rio de Janeiro, onde se formou em Direito. Cedo iniciou-se no jornalismo, trabalhando por sete anos em diversos órgãos da imprensa carioca. Datam dessa época seus primeiros contos, aparecidos em revistas e suplementos literários. A seguir, ingressou na propaganda, como redator, mais tarde mudando-se para São Paulo e, se dedicando a planejamento e

¹ Trabalho apresentado no IJ – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de junho de 2011.

² Estudante do 8º Semestre do Curso de Jornalismo, Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq email: diego.press@hotmail.com;

³ Orientador e coordenador do projeto, doutor em Letras pela FCLAs/UNESP. Professor da UNEMAT.- Campus Universitário de Alto Araguaia. – e-mail: aroldoabreu@uol.com.br;

⁴ Co-orientador do trabalho. Mestre em Comunicação. Professor do Curso de Jornalismo da UNEMAT, email: tcluiz@yahoo.com.br.



administração, foi um dos diretores de uma das maiores agências de publicidade do Brasil.

A partir de 1954, Ricardo Ramos lançava em média um livro a cada dois anos, bem como: *Tempo de Espera* (1954); *Terno de Reis* (1957); *Os Caminhantes de Santa Luzia* (1959); *Os Desertos* (1961); *Memórias de Setembro* (1968); *Matar um homem* (1970), dentre outros. O autor possui obras traduzidas em espanhol, francês, inglês, alemão e russo).

Quanto à sua carreira no jornalismo, Ricardo já dirigiu uma página de críticas intitulada “Para Todos”, assinalou a coluna de livros em *A Gazeta*, foi responsável pelo suplemento literário do *Última Hora* e colaborou diversas vezes com o jornal *O Estado de S. Paulo*.

Portanto, nossos objetivos, entre outros, são de elencar entrevistas concedidas por Ricardo Ramos no período de 1953 a 1988 e buscar especificar motivos que faziam com que Ricardo Ramos fosse entrevistado. Além disso, procuramos separar os documentos “de” e “sobre” Ricardo Ramos, segundo as especificidades de cada entrevista, e quantificar o número de documentos existentes no projeto “Organização do Acervo de Ricardo Ramos”, quanto entrevistas pingue-pongue no mesmo período. Finalmente, buscamos organizar cronologicamente parte dos documentos “de” e “sobre” Ricardo Ramos existentes no acervo para ter uma visão ampla do seu processo de reflexão e crítica.

Numa leitura ainda preliminar das entrevistas, percebemos que os motivos que levavam o autor a concedê-las eram bem variados. De acordo com dados encontrados no Projeto “Organização do Acervo de Ricardo Ramos”, as razões iam desde os lançamentos de suas obras, contos publicados em jornais e folhetins, por atuar no ramo da publicidade e fazer parte de um grupo de renome dessa categoria, até pelos diversos prêmios que recebeu, e também não desconsideravam o fato de Ricardo ser filho de um dos mais importantes escritores da língua portuguesa.

Recortando nossos estudos para algo mais específico, no projeto de “Organização do Acervo de Ricardo Ramos”, encontramos 41 entrevistas concedidas pelo escritor, sendo 12 no formato pingue-pongue, o que interessa a esse trabalho. Todas essas entrevistas pingue-pongue se concentram entre os anos de 1955 a 1975.

No jargão jornalístico, porém, usamos mais o termo entrevista para nos referirmos à exclusiva, aquela que é planejada, pautada antes com a edição, preparada pelo profissional com alguma antecedência, quase sempre gravada e, normalmente, publicada na forma de pergunta e resposta, o chamado



pingue-pongue. Mas pode também virar texto corrido, com o uso de frases do entrevistado entre aspas. (CHAGAS in SEABRA; SOUZA, 2006, p.161).

Os motivos que faziam com que Ricardo Ramos fosse entrevistado era variável, desde seus lançamentos de livros, suas opiniões pessoais sobre tendências da publicidade e outros. Para um recorte relevante à comunicação e ao jornalismo político, selecionamos questões que diziam respeito à política da época, incluindo o período da ditadura, e elencamos, então, todas as perguntas e respostas, nos mais diversos jornais, que se referiam de forma direta ou indireta à política brasileira.

Em uma entrevista intitulada “Escritores e Ambições para 1955”, o jornal Diário de Notícias, de 1º de janeiro, questiona Ricardo Ramos sobre seus desejos para o ano que se iniciava:

Diário de Notícias - Que deseja você do ano de 1955?

RR - Paz e prosperidade. Alguns livros, eleições razoáveis, boas anedotas. E a liberdade abrindo as asas sobre nós.

A palavra “eleições” remete à política, e certo posicionamento em relação às suas expectativas quanto aos resultados do ano.

Já em 1958 encontramos uma entrevista no formato pingue-pongue, de um jornal que identificava apenas o ano e o título do texto, “o nacionalismo deve ter sido uma atitude firme e consequente”:

Jornal - O escritor brasileiro já pode viver exclusivamente da pena?

RR - É possível que alguns possam viver. Mas isso não terá maior significação. O livro não encontra no Brasil um público tão numeroso que venha garantir a subsistência do autor. Nem poderia encontrar, num país semialfabetizado e com uma precária política de inspiração cultural. Muito seria necessário fazer pela divulgação do livro e ainda pela regulamentação do direito do autor, para que isso fosse viável. Será tarefa para longos anos, em que também poderão influir as associações de escritores.

Algumas palavras inclusas no contexto do discurso em que o autor formulou, dá a possibilidade de visualizar a relação com a política, dado o apoio à educação e a contribuição com escritores brasileiros e suas possibilidades de viver da atividade.

Em 1960 a jornalista Yole Carrari, repórter do Shopping News de São Paulo, foi responsável pela publicação no dia 10 de julho, com uma questão que se refere implicitamente ao poder público e seu apoio aos escritores da época.



Shopping News - É possível um escritor viver de seus contos, colaboração de jornal ou de seus livros?

RR - Depende do que se chama viver. Decentemente, apenas Jorge Amado e Érico Veríssimo. Não sei de outros que pudessem, às custas da literatura, ao menos subsistir.

A década de 70 foi um período de censura no Brasil. Escritores e músicos, por exemplo, tinham de submeter seus trabalhos a órgãos responsáveis pela liberação da publicação e veiculação de seus materiais. Desse modo, verificar como se dava a relação do jornalismo e da literatura nessa época, como os autores brasileiros se pronunciavam por meio da imprensa, entre outras questões, parece-nos pertinente neste trabalho de reflexão. Utilizando-nos das entrevistas concedidas por Ricardo Ramos aos jornais *A Gazeta*, *Época*, *Tribuna* e *O Estado de S. Paulo*, de São Paulo/SP, respectivamente dos anos de 1970, 1971, 1972 e 1973, no decorrer desse texto busca-se dados que auxiliem nas reflexões das questões supracitadas.

Já no Militarismo o Sistema Nacional de Informações (SNI) se encarregou de fiscalizar as produções jornalísticas e comunicacionais. O cerceamento era feito da mesma maneira ou até pior se comparada à Era Vargas, já que os meios de comunicação se encontravam em uma posição mais evoluída em relação há algumas décadas atrás. Antes de serem veiculadas e distribuídos, os conteúdos deviam passar pelo crivo militar, o que causava cortes de última hora e atrasos na publicação (BETINE; LUIZ *in* PINTO; SOUZA, p.222, 2009)

Ressaltamos a relevância da pesquisa por meio das palavras de Agnaldo Rodrigues da Silva, professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, defensor de que:

a imprensa não tem relação com as obras literárias de ficção apenas por meio de seus autores, tenho em vista que define também uma relação de conteúdo. Isso quer dizer que a presença da imprensa como parte do enredo de uma obra literária é mais comum do que se imagina, principalmente nas obras produzidas nos períodos do governo militar de intensa censura (*in* PINTO; ALVES, 2007, p.166).

Consideramos aspectos que exemplificavam o quanto a comunicação e a literatura eram parceiras na ditadura militar brasileira, uma vez que, conforme aponta Silva:

A imprensa foi uma grande aliada do escritores e dos artistas brasileiros na luta contra a censura, tanto que muito deles aderiram ao ofício de jornalismo para questionar e combater a forma de governo imposta pelo ao país. Aliás, imprensa e literatura caminham há muito tempo juntas, pois vale lembrar que a



publicação das obras literárias era realizada, nos seus primórdios, por meio da imprensa. Esse processo pressupunha uma avaliação crítica do jornalista sobre a produção literária, para publicar o texto nos rodapés dos seus jornais. Assim fizeram com as poesias, os contos e os romances. No caso específico dos romances, esses eram publicados em partes ou em capítulos nos rodapés até se que se criaram os suplementos literários (in PINTO; ALVES, 2007, p.165 – 167).

Em 1970, em entrevista concedida ao jornalista Roberto Fontes Gomes, responsável pela coluna de literatura de *A Gazeta*, Ricardo Ramos foi questionado sobre suas intenções pessoais e profissionais na época. O título dado à entrevista era *Há entre os contistas mais novos uma salutar abertura para o realismo*. Nesta foi respondido por Ricardo o total de dezesseis perguntas. Em duas das respostas, o escritor aponta fatos que remetem ao momento histórico vivido:

A Gazeta - Quais os ficcionistas brasileiros de hoje que você destacaria?

R.R. – Apesar de não estarmos em fase muito fértil, de grandes picos, há obras importantes. Umas em curso, outras mais sobre o acabadas. Nos dois casos respeitáveis. Poderia citar vários autores, em romance, conto e novela. Mas a preferência é quase sempre um concordar, ou um reflexo de procura. Na maioria das vezes com aspecto. Admiro a inflexão popular e os largos movimentos de Jorge Amado, os valores formais de linguagem e construção, literárias de Osman Lins, a temática densamente viva de Antonio Callado.

A Gazeta – Como você vê o uso (e às vezes o abuso) do sexo no romance e na literatura?

R.R. – O uso do sexo? Sou a favor. Apesar de me chatear com os livros de sexo a granel, como de sexo poetizado e feliz. O abuso é ruim, claro, traz complicações em vários sentidos. Mas o pior será o mau gosto, a grossura. Que fazer? A resposta deve estar com o leitor, que se irá desinteressando pouco a pouco, e não poderia nunca ser um caso de censura.

Em 1971, em uma reportagem publicada pelo jornal *Época*, do dia 12 de dezembro, na coluna *Temas Brasileiros*, na reportagem intitulada *Os Contos de Ricardo Ramos*, o escritor faz certa explicação referente sua obra *Os Desertos*:

RR – “Não é um livro de contos, no estilo das antologias. Pretendíamos lançar isoladamente as histórias de ‘Os Desertos’, que são ‘Ribeira Turva’, ‘Mangueiras ao Vento’, ‘Bituca’, ‘O Telescópio’ e o conto-título. No entanto, ao reuni-las, ainda que nos parecessem um conjunto razoável, sentimos também o seu pequeno volume. Assim



como se estivéssemos diante de menino enfezado, excessivamente magro. E nos veio a tentação de engrossá-lo”. O resto da história sabe-a o leitor.

Logo, em 71, o autor nessa publicação não trata do período ditatorial. Apenas retrata sobre os contos e espessura de suas obras.

Já em 1972, apesar da jornalista considerar não uma entrevista e sim um diálogo, o jornal *Tribuna* apresenta 12 questões, contendo ainda um prólogo e um epílogo, uma entrevista do tipo pingue-pongue chamada de *O personagem é... Ricardo Ramos*, retratando a vida pessoal do autor, de sua escrita, sua atuação como publicitário, e implicitamente, tratam da ditadura, como quando o jornal questiona:

Tribuna - Você se sente agredido no mundo atual:

RR - Sim, pela violência nas suas muitas manifestações. Desde a guerra, que é o crime ampliado, até às pequenas escaramuças contra o homem. Passando pela vida solitária na cidade grande, os abusos de autoridade, a tortura, a mecanização, tudo o que tenda ao impessoal. Ser agredido é sofrer isso. É ver em torno a diferença, o conformismo, a insensibilidade.

Tribuna – Qual foi a mais séria opção da sua vida:

RR – Descobrir que a literatura é forma alta de expressão pessoal e tentar conduzir-me nesse sentido. Contudo o que ela significa de opções em cadeia.

Válido ressaltar que não publicam o/a jornalista responsável pela reportagem que consta o discurso acima, mas consideramos uma jornalista devido ao gênero da palavra "entrevistadora", encontrado no material jornalístico, sem especificação de nome, designado a quem conduziu a entrevista.

Em 1973, Ricardo Ramos foi entrevistado, com 17 perguntas, pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, por meio do jornalista Enio Squeff. A entrevista contém uma pequena introdução e recebeu o título de *Ricardo Ramos em Circuito Aberto*. O material também é dividido em dois subtítulos: o primeiro é *Em termos de hoje*, e o seguinte *Nem tudo Acabou*. Nessa entrevista o jornalista questionou sobre assuntos ligados à literatura, gostos pessoais, música e algumas questões políticas:

O Estado de S. Paulo – Não faltam em seus contos algumas questões políticas? Como você encara o problema?

RR – Acho que o escritor deve situar o problema humano num dado momento social, e pode aprofundá-lo dentro dessa referência o mais possível. Se isso redundar em colocação política, a questão me parece inteiramente secundária, acredito que as pessoas não vivam soltas, mas num enquadramento qualquer: elas trabalham para viver, sofrem



condicionamentos e pressões, fatos que, em última análise, podem caracterizar uma personagem. Mas eu não sou muito pelas saídas políticas em ficção. Desde que as indicações estejam nítidas, sejam sérias, o leitor por si mesmo chegará as conclusões. É necessário, entretanto, que essa matéria pertença a personagens, faça parte dela e de seu drama. Sem isso, a colocação política vira apêndice, uma coisa solta.

No período da ditadura Ricardo Ramos destacou-se pelo lançamento do romance “*As Fúrias Invisíveis*”, obra que tem a publicidade como tema, situado pela crítica nacional como um dos mais importantes títulos da ficção brasileira. Nessa mesma década o escritor foi eleito por unanimidade como membro da Academia Alagoana de Letras.

O City News, da cidade de São Paulo, do dia 15 de junho de 1975, publicou entrevistas com Ricardo Ramos referente a literatura brasileira. Em uma das questões do respondidas, o repórter, não identificado, questiona o escritor quanto a censura na TV brasileira.

City News - Sabia que há censura em novela de TV?

RR - Há, não é? Lamentável. Porque a censura, esquecendo os adjetivos habituais a seu respeito, é antes de tudo um erro. A corrigir, quanto mais cedo menor. Ninguém pode acreditar nela, seriamente, como legítima ou duradoura.

Assim se encerram as entrevistas no formato pingue-pongue com teor político, encontradas no Projeto Acervo Ricardo Ramos, com muitas contribuições para a comunicação e história da literatura e política brasileira.

Uma curiosidade a ser considerada, encontrada também no Acervo de Ricardo Ramos, é de que em 1974, de acordo com dados fornecidos pelo Sindicato Nacional do Editores, publicados no jornal *O Globo*, de 29 de dezembro do mesmo ano, no Brasil havia 1.194 pontos de venda, entre livrarias, papelarias e bazares. Casas que se dedicam exclusivamente á venda de livros eram apenas 450, dessas 270 situavam-se no eixo Rio/São Paulo. O que significava que no restante do Brasil tinham somente 180 livrarias, o que dificultava atuação de qualquer escritor brasileiro.

Considerações Finais

Confirmamos então a variedade dos motivos que faziam com que Ricardo Ramos concedesse entrevistas, porém sobre nosso objetivo principal, é perceptível que o escritor preferia tratar do assunto “ditadura” implicitamente, bem como justifica-se o



considerável codinome de “Mestre do Silêncio”, o que confirma que o autor preferia as entrelinhas à exposição.

Afirmamos isso, mesmo que SEABRA e SOUZA em *Jornalismo Político: teoria, história e técnicas*, defendam que “Entrevistar é decifrar. Um fato, uma situação, uma pessoa. É descobrir, descortinar, trazer à luz o desconhecido, o inesperado, às vezes o intuito mas nunca revelado”. (2006, p.159).

Preferir não tratar do momento político de forma explícita pode ter sido uma atitude individual. Julgamos isso pelos seus livros lançados na mesma época, como o *Circuito Fechado* (1972), título sintomático de uma situação e de uma época, que reunia cinco contos de forma sutil e particular de representação da realidade. Nesse caso, ser “quieto” é um adjetivo do autor, independentemente do momento e, de acordo com (CHKLOVSKI, 1973, p. 43, *apud* PINTO, 2010, p. 48): “O mérito do estilo consiste em alojar um pensamento máximo num mínimo de palavras”.

Encerramos este trabalho com a citação retirada de um dos livros produzidos pelos professores da UNEMAT, que pode colaborar na reflexão de atitudes do Ricardo Ramos e de muitos que viveram e trabalharam no jornalismo e na literatura entre os anos de 1964 a 1985, período de ditadura militar no Brasil:

[...] os políticos podem dar o balanço do número de mortos, do número de cassados, banidos: mas quem dará o balanço dos projetos humanos que se frustraram, dos braços que se negaram, dos beijos paralisados, tudo por medo? Quem dará o balanço do medo que nós tivemos? (FERNANDO GABEIRA, 1979, *apud* SILVA, 2007, p.175).

Sendo assim, podemos afirmar o quanto o Projeto Acervo do Ricardo Ramos, por meio de jornais com datas passadas, pode contribuir para a história da literatura brasileira e da comunicação, uma vez que arquiva veículos impressos de comunicação, contendo os mais diversos gêneros jornalísticos, com conteúdos e formatos que contribuem para estudos referente à comunicação no Brasil no período em que compreende os materiais.



REFERÊNCIAS

BETINE, Giovanna; LUIZ, Thiago Cury. **Política, jornalismo, revista e opinião: uma convergência substancial.** In: PINTO, Aroldo José Abreu; SOUZA, Shirlene Rohr (orgs.). *Opinião na mídia contemporânea.* São Paulo: Arte e Ciência, 2009. p. 217 – 229.

CHAGAS, Helena. **Decifra-me ou te devoro: a entrevista política.** in SEABRA, Roberto; SOUSA, Vivaldo de (org). **Jornalismo político: teoria, história e técnicas.** São Paulo: Record, 2006.

PINTO, Aroldo José Abreu (org). **Ricardo Ramos: mestre do silêncio.** São Paulo: Arte e Ciência, 2010.

SILVA, Agnaldo Rodrigues da. **A imprensa e o engajamento literário: o Brasil representado em recortes periféricos.** In: PINTO, Aroldo José Abreu; ALVES, Fábio Lopes (orgs.). *Representações Sociais em comunicação: fragmentos de histórias em histórias.* São Paulo: Arte e Ciência, 2007. p. 163 – 176.